

# NECROLOGIA

## Teófilo Braga

(† 28 de Janeiro de 1924)

### I. — Como historiador da literatura portuguesa

O falecimento de Teófilo Braga causou funda emoção no acanhado âmbito da sociedade portuguesa, que o considerava, com boas razões, o seu homem mais representativo. Todos o conheciam, sequer de nomeada, e em quasi todos havia a íntima consciência do seu valor mental e da estranha força, inquebrantável tenacidade e filosófica independência, que se occultavam naquela débil figurinha de velho sorridente. É este, com efeito, o mais alto significado da produção literária que nos legou: uma grande lição de indefessa laboriosidade, já reconhecida, em 1877, por Guilherme Storck. Se vivesse ainda hoje, o insigne camonianista olharia com espanto a série quasi interminável de volumes e trabalhos dispersos, que Teófilo Braga publicou desde então sobre a história da literatura portuguesa.

Será o valor do que escreveu directamente proporcional à extensão? De modo algum. O edificio, que se propôs levar a cabo, não o completou em vida, e uma ou outra pedra do monumento compromete-lhe seriamente a estabilidade. Mas, ruína que venham a ser, as suas obras ficarão como um alto exemplo, como marcos, vigorosamente indicadores para outros mais afortunados, que lhe sucedam na tarefa. Infelizmente, e é amargo dizê-lo, não se vislumbra ainda continuadores e melhoradores dêsse edificio, e a grande maioria dos seus detractores, que muitos são, não conhecem escritos de Teófilo, senão *de ouvir dizer*. Deve confessar-se que, pelo menos no que respeita às investigações histórico-literárias e aos estudos filológicos, subsidiários daquelas, a actual geração está muito abaixo da que a precedeu, e de que Teófilo fez parte.

As tendências reflectidas na produção literária de Teófilo Braga, que perduram com obstinada coerência nos seus últimos volumes, são explicadas pelo ambiente intellectual do tempo e das circunstâncias em que primeiramente viveu.

A inquieta geração de 1870, de que era primacial figura, formou-se no convívio das doutrinas positivistas, inauguradas por Comte e continuadas por Sainte-Beuve e Taine, no que toca particularmente às normas da laboração literária e artística. O rigor do determinismo de Comte fascinou T. Braga a ponto de pretender explicar invariável e seguramente os fenómenos literários, segundo cânones da lógica positivista. É curioso ver, a cada passo das suas obras, ainda nas últimas, a transcrição solícita de passos do *Curso de Filosofia Positiva*. Este afêrro exagerado e fanático a um sistema, tido como infalível, deu como resultado, por vezes, má interpretação da história literária, e viciou, não pouco, alguns dos seus juízos.

Teófilo não considerava a obra literária em si mesma, na sugestão aliciadora da sua própria beleza. Em todo o autor êle evita, ou por falta de sensibilidade e gôsto, ou por preconceito filosófico, a apreciação estética da obra. Reclama-o uma irresistível propensão para o significado social e até político do produto literário, como êle confessa: «O génio de um escritor não se revela completamente pela sua obra, nem esta se aprecia pela beleza a que dá expressão, mas pela simpatia social que desperta».

Para a determinação desta *simpatia social*, expressão um pouco vaga, e de acôrdo com o conceito acima indicado, tem grande importância a série de particularidades biográficas do autor, que são na sua crítica o que os pormenores significativos eram no romance realista. Porisso, já alguém o notou (Fidelino de Figueiredo, *Historia da critica litteraria em Portugal*, Lisboa, 1916, págs. 138-167) no que Teófilo escreveu avultam sobretudo as grandes reconstituições biográficas. Resultado disto: os autores de vida singela, os místicos, Tomé de Jesus, Amador Arraez, Heitor Pinto, Manuel Bernardes, por grandes que sejam, não têm guarida na sua História da literatura. São as consequências últimas do sistema.

Esta concepção de *simpatia social* provoca irresistivelmente outra, a do *sentimento nacional*. Para T. Braga a história literária dum povo é, em última análise, a *manifestação emotiva do sentimento da nacionalidade*. Os grandes autores são pois estudados e apreciados segundo um critério unilateral, propositadamente nacionalista. Resultado: quasi não considera Vieira, porque da sua actividade política nada de bom resultou para a autonomia portuguesa; diz acintosa e injustamente mal de Frei Luís de Sousa, por se ter confor-

mado com a dominação castelhana, dedicando os *Annaes de D. João III* a Filipe IV; D. Francisco Manuel de Melo, de cujo patriotismo primeiro suspeitara, e fôra tão desprezado por êle, só finalmente cai em graça, e é então mimoseado com perto de 300 páginas nos *Seiscentistas*. Em compensação, a Manuel Bernardes, que tem nas suas obras curiosos aspectos da vida social, e é talvez o maior prosador português de todos os tempos, não chega a dedicar uma página.

O século XVII, por isso que, pelo menos superficialmente, representa um eclipse desse sentimento nacional e, segundo o seu esquema das épocas literárias, é um periodo de estéril imitação e predominante influência castelhana, constitue lacuna grave na História de Teófilo. Já em 1893, Carolina Michaëlis o frisou (*Hist. da literat. port.*, § 15). E contudo essa época é curiosíssima e digna de estudo, pela revivescência dos elementos populares, que o quinhentismo intencionalmente desdenhou. Nas bibliotecas públicas e privadas há riquezas inumeráveis, colecções de lirismo e sátira, que conviria publicar, para se fazer inteira luz sobre essa escola. Ao método crítico de T. Braga se deve o ser tão ignorado esse periodo literário, sobre o qual apenas há, dignos de menção, alguns estudos parcelares, embora valiosos, de Sousa Viterbo.

A grande falha, porém, da sua História ainda é a Idade Média. Tirante o estudo sobre o *Amadis de Gaula*, que é dos seus melhores trabalhos, mas que também já está velho, tudo o que nos legou sobre literatura medieval tem de ser verificado cautelosamente. Faltava a Teófilo a necessária disciplina filológica, que êle sobranceiramente desdenhava, na sua birra sistemática contra os que apelidava de *gramáticos*. As suas edições do *Cancioneiro da Vaticana* e das *Obras de Cristóvão Falcão*, que tiveram críticas primorosas do superior *gramático* que foi Eplfânio, são disso prova manifesta. E tanto êle reconhecia este lado vulnerável da sua obra, que, por 1921, ao que diz um seu panegirista, o Sr. Prado Coelho (*Teófilo Braga*, Lisboa, 1921, p. 205), tratava de refundir os *Trovadores Portugueses*.

O volume de recapitulação publicado em 1909, a *Edade Media*, tem a recomendá-lo apenas o abonar-se com informações colhidas na grande autoridade, que era Carolina Michaëlis. No mais, é obra infeliz: bibliografia antiquada, e mistura de opiniões de mais diverso valor; quasi nenhum tratamento do periodo poético curiosissimo, que vai de 1350

a 1450, e demonstra a resistência do espírito literário galego-português, perante a crescente influência de Castela; teimosia, digna de melhor emprêgo, no considerar ainda a valia literária das chamadas cinco relíquias, depois das inteligentes observações de João Pedro Ribeiro, Bellermann, Diez e Carolina Michaëlis, etc.; mas, acima de tudo, êsse livro tem uma negligência grave, que é só por si uma injustiça e um êrro: não trata dos nossos historiadores, passam-lhe despercebidos Fernão Lopes e Azurara. Que páginas ardentes se não podiam escrever sôbre êles, principalmente sôbre Fernão Lopes, considerado pelo romântico Sonthey o maior historiador de todos os tempos!

O que deixamos apontado e o mais que ainda se poderia dizer dos erros e deficiências da sua obra, em nada invalidam a nossa afirmação do princípio: que ela, imperfeita e desordenada como é, ainda não encontrou quem fizesse melhor, se exceptuarmos, para certas épocas, o nome de C. Michaëlis, e tal como está, ainda é um subsídio indispensável e valiosíssimo para quem se dedique a êste género de estudos; e que, nunca ó demais repeti-lo, teve o raro valor de chamar pela primeira vez a atenção do mundo culto para os problemas atraentísimos da nossa literatura.

MANUEL RODRIGUES LAPA.

O cap. II dêste artigo, «Teófilo Braga como etnógrafo», será escrito pelo Dr. Cláudio Basto, e publicado no volume seguinte.

(Nota da redacção).

### D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

No dia 16 de Novembro de 1925 faleceu no Pôrto com 75 anos incompletos a distintíssima Senhora, que usou e imortalizou o nome, que encima estas linhas, e em quem se achavam representadas as duas estirpes, que eram o seu orgulho e fizeram a felicidade de tóda a sua vida — a estirpe alemã pelo seu nascimento <sup>(1)</sup>, e a portuguesa pelo seu matrimónio com o notável historiador e crítico de arte, Sr. Joaquim de Vasconcelos <sup>(2)</sup>.

A data da sua morte era professora da Faculdade de